



A CRÍTICA NIETZSCHIANA SOBRE A METAFÍSICA NOS SEUS TRES ASPECTOS: RELIGIOSA, MORAL E FILOSÓFICA

FARIA, Gabriel Pereira

Estudante de mestrado no programa de Estudos de Cultura Contemporânea - UFMT
gabrieldelelook@yahoo.com.br

323

RESUMO:

Pretende-se neste artigo analisar a concepção Nietzscheana de metafísica; entender como que os conceitos se articulam neste campo. A metafísica é criticada e classificada pelo autor como dogmática e enquanto tal seria o maior de todos os erros porque junto com o dogmatismo trás consigo os conceitos de “bem em si”, “coisa em si”, “alma”, “eu”, “substancia” presente nos três aspectos metafísicos classificados por Nietzsche, aos quais ele lança severas criticas. Esses três aspectos são muito peculiares, cada um à sua maneira trás as formas de representações proveniente do outro mundo. A metafísica filosófica se dá pela invenção do “mundo-razão”; a religiosa se pauta pela invenção do “mundo divino”; a moral busca na ação do homem um mundo livre e perfeito. Este mundo é encarado no caso do filósofo de não-ser, no caso do religioso de não-viver, e no caso da moral o de não-querer-viver, no entender do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Metafísica – Valores – Vida.

ABSTRACT:

This article aims to analyse the Nietzschean conception of metaphysics understand how the concepts are articulated in this field. Metaphysics is criticized and classified by the author as dogmatic and as such would be the greatest of all mistakes because along with the dogmatism com remain behind the concepts of “good itself”, “thing in itself”, “soul”, “substance” present in the three metaphysical aspects ranked by Nietzsche, which he throws as many criticism. These three aspects are very peculiar, each shows forms of presentation from the world. Philosophical metaphysics happens for inventing the “world reason”, the religious case for the invention of “divine World”, and the moral seeks in the action of man a world free and perfect. This world is demonstrated in the case religions of no life, and in the case of the moral, not wanting to live, in his view.

KEYWORDS: Metaphysics – Values – life.



A CRÍTICA NIETZSCHIANA SOBRE A METAFÍSICA NOS SEUS TRES ASPECTOS: RELIGIOSA, MORAL E FILOSÓFICA

A concepção nietzschiana em seu todo apresenta uma crítica radical à metafísica e ao dogmatismo tendo como mote principal o idealismo filosófico do ser que tem sua origem em Platão e se consolida em Descartes. A tradição metafísica ocidental tem como característica pressupor a realidade de uma natureza dogmática. Nietzsche entende o dogmatismo como a postulação de algo que transcende à experiência e que, como consequência, é aceito incondicionalmente. Ele toma como exemplo a invenção de expressões como “espírito puro”, da “coisa em si” e do “bem em si” por Platão. Tais expressões foram aceitas pela chamada tradição ocidental de pensar como verdades inquestionáveis na definição do homem e das suas ações. Elas teriam sua origem, sua sede, em outro plano, e caberia à alma a tarefa de fazer a ponte entre o mundo físico e o metafísico através dos artigos de fé nela depositado e posteriormente, essa tarefa é dividida com a razão.

Nietzsche combate a metafísica porque ela faz uma duplicação de mundo e inverte as prioridades a serem avaliados e as formas de avaliar. Os valores que instalam a partir de pressupostos metafísicos dogmáticos caminham sempre para um fim último, para um ser ou um princípio que valida e legitima todas as ocorrências mundanas. O dogmatismo se apresenta como uma aceitação das forças ou dos princípios que se escondem por detrás dos edifícios filosóficos e morais, pelo menos, desde o movimento platônico com seus dualismos.

O mundo suprassensível, no entender de Nietzsche, é pura ilusão, mas que, no entanto, é buscada pela tradição metafísica justamente porque esses filósofos têm necessidade de verdade. A ilusão, a falsificação do mundo está no cerne da metafísica, seria como um caráter profilático para suportar a existência, para isso inventou princípios inquestionáveis, verdades últimas para organizar e familiarizar o mundo sensível.

Toda metafísica se ocupou da substância como algo incondicionado que está presente em tudo. O sujeito cognoscente conhece os objetos pela sua essência, ou seja, o objeto em si. Os homens aceitam as explicações metafísicas porque alivia os desapontamentos, os sentimentos desagradáveis, desprezíveis ou a miséria do mundo que tanto despreza em si. Ele se coloca



menos responsável, pois, há um “ser”, uma essência, uma substancia ou até mesmo um princípio que transcende dessa forma as coisas e as tornam mais interessantes¹, mais aceitáveis.

A representação do outro mundo sempre colocou em desvantagem este mundo sendo alvo de inúmeras críticas. Nietzsche toma como exemplo para explicar esse procedimento à noção de comunidade, o povo. Um determinado povo ao se definir, ao se dar uma identidade, sempre pensa o outro como um ser inferior, como sem valor; considera o estranho e desconhecido como inimigo, sempre rejeita o estrangeiro. Um povo nunca admite que o outro povo seja o povo verdadeiro. É uma consequência sintomática que se faz tomar este mundo como aparente e o outro como verdadeiro.

O autor apresenta três focos para o surgimento da representação proveniente do outro mundo. Primeiro é a representação do filósofo; este outro mundo se dá pela invenção de um mundo-razão em que as funções lógicas são adequadas, nesta situação se encontra o “mundo verdadeiro” dos filósofos, a partir desta válida, nomeia, classifica, conceitualiza este mundo aparente, passageiro. A segunda representação é a do homem religioso e esta se dá pela invenção de outro mundo, o “mundo divino” e deste provém o mundo desnaturado e antinatural, no caso, este mundo aparente, a realidade efetiva que, a partir do mundo religioso, precisa ser salvo, regenerado. A terceira representação é a do homem moral, e esta se dá pela invenção de um “mundo livre” de onde proviria um mundo “bom, perfeito, justo e santo”; este mundo seria como um imperativo categórico existente para que todos seguissem, sem exceção, em suas ações neste mundo aparente. Os três focos de representação proveniente do outro mundo têm em comum o erro e as confusões psicológicas. O “outro mundo” aparece na história cheia de predicados e estigmas provenientes dos preconceitos filosóficos, religiosos e morais. Diagnosticado esses fatos de cada área específica, Nietzsche o identificará como sinônimos de não-ser, no caso filosófico; do não- viver, no caso religioso; e, por fim, do não-querer-viver, no caso da moral. Esse conjunto de fatores denuncia o instinto de descaso da vida e não o instinto da vida; esse instinto criou o outro mundo e não afirmam este mundo em nada, renega-os. Logo, filosofia², religião e moral são sintomas de decadência³.

Para Nietzsche a filosofia de Platão é uma metafísica dogmática dos valores morais. A representação deste mundo proveniente de outro mundo pelo viés da moral será atribuída por

¹ Na elaboração deste parágrafo usamos os parágrafos 16, 17, 18 de *Humano Demasiado, Humano*.

² Nietzsche refere-se aqui aos filósofos idealistas da tradição metafísica.

³ Na elaboração deste parágrafo fizemos uso do aforismo 586 da *Vontade de Potencia*.



Nietzsche a Platão e seu dualismo metafísico, sendo este herdeiro de Sócrates. O surgimento dos filósofos gregos a partir de Sócrates seria um sintoma de decadência da vida, um atentado contra os instintos helênicos. Troca-se a cultura grega, os deuses, por virtudes a serem seguidas. O mundo grego sucumbe junto com a autenticidade helênica e se instaura um desenvolvimento anti-helênico e os juízos de valores dos filósofos. Alguns valores se instalaram e no caso dos valores egípcios que colocam a questão da vida a pós a morte como um tribunal, no caso do semita coloca a dignidade do sábio; o sacerdotal e o ascético são transcendentes. Contudo, a dialética trata-se de uma abominável e pedante cata de conceitos sobre o mundo e as coisas. Ambos os extremos são movimentos de decadências, assim como o obscurantismo pathos religioso e moral. Enfim, Sócrates e Platão prepararam o solo para o surgimento do cristianismo. Sócrates foi o responsável por dar início a decadência que se alastrou e abateu a civilização ocidental.

Os diálogos de Sócrates tinham como finalidade examinar a própria alma e fazer uma prestação de contas da própria vida, ou seja, fazer um exame moral da validade dos conceitos. Atribuir à verdadeira razão as coisas através do diálogo consciente e racional é o ponto crucial da dialética socrática. O ponto de partida da filosofia platônica é aceitar que ela é herdeira da filosofia socrática e, também, o fundamento da moral cristã. Para Nietzsche, os princípios do cristianismo são os mesmos do platonismo, logo, toda crítica feita ao cristianismo se estende também ao platonismo. O fato é que no legado metafísico socrático-platônico a filosofia assume a busca pela verdade no suprassensível desprezando o corpo. No platonismo a moral submete o homem à verdade indubitável, a um valor absoluto que se encontra em outro mundo, o mundo das ideias.

Platão estabelece a metafísica clássica pela oposição de valores, pela compreensão dualista da estrutura ontológica do mundo: por um lado existe o mundo aparente, uma ordem mundana, ou seja, a realidade empírico-sensitiva que é o campo do erro, da aparência e da dimensão corpórea; por outro lado existe uma estrutura inteligível transcendente a toda realidade sensível e só disponível ao aparelho intelectual-especulativo, o mundo das ideias, ou “ideias puras”. Estas são essências do mundo que a filosofia deve explicar pela investigação dialética.

Segundo Nietzsche Platão nega a vida através de um dualismo radical quando legitima uma oposição entre essência e aparência, verdade e falsidade, permanente e transitório, espírito



e corpo; e privilegiando a razão o abstrato intelectual como referencial inabalável da verdade e o corpo sensitivo como algo inferior e responsável pelo erro.

No mundo das ideias estão as ideias verdadeiras das coisas, de tudo o que existe ou que foi criado, ou ainda o que pode ser pensado pelo homem. No cume deste outro mundo, alojado no mais alto degrau encontram-se as três ideias que governam o mundo das ideias, são elas: as ideias de bem, belo e verdadeiro. Logo, bem, belo e verdadeiro são essenciais, eterno e imutável, são “em si”, não tem como questioná-las; e mais, sendo possível acessá-las apenas pela razão, pela alma racional fazendo uma investigação dialética para chegar à coisa “em si”, contudo, se livrando das amarras do corpo e das seduções do mundo sensível.

Na sua metafísica dos valores Platão toma a dialética como uma ciência por que possibilita a compreensão da verdade para que o homem entenda a essência das coisas; para que ele chegue à ideia verdadeira que pertence ao mundo aparente. A dialética é a ciência das ciências porque ela determina todas as outras coisas, e apenas por este saber é que se chega a ideia de bem. O dialético aprende as coisas na sua essência, ele alcança as formas verdadeiras, as ideias puras, o “em si”.

Conforme Nietzsche (Vontade de Potência. Aforismo. 436):

Em que medida a dialética e a crença na razão repousam ainda sobre preconceitos morais. Em Platão, como habitantes de outrora de outro mundo inteligível do bem, ainda estamos de posse de um legado daquele tempo: divina dialética, como se originando do bem conduz a todo bem [...] de uma bem aventura nascida da confiança moralista em um princípio essencial de verdade no fundo das coisas, em si uma afirmação desvairada, que nossa experiência contradiz a todo o momento. Não podemos justamente pensar absolutamente na medida em que exista [ist, seja] ... (Nietzsche, 2011, p.236)⁴.

Nietzsche chamará Platão de teólogo por inventar o outro mundo e tê-lo como uma verdade absoluta ao qual esse mundo seria uma mera representação, além de valer-se da razão e de subterfúgios que auxiliem na ascensão a outro plano. Nega-se a esta vida, e os instintos do corpo e inventa a alma que no caso para Nietzsche é simplesmente uma forma de denominar alguma coisa no corpo. A valoração das coisas não cabe à razão, à consciência, à conduta ou a qualquer coisa fixa; esta avaliação cabe ao instinto enquanto processo.

Os filósofos investigaram a verdade e não problematizaram a vontade de verdade, ou seja, não colocaram a verdade sob a suspeita dos impulsos que intencionam o homem nessa

⁴ Nietzsche escreve sobre máximas e aforismos, há uma convenção em citá-lo assim e não em páginas.



busca. A verdade assim como o bem e o belo, são antes de tudo um valor e não uma essência. A problemática dos valores é mais profunda e anterior do que a da verdade. A verdade para Nietzsche provém do erro, é uma posição relativa de certos erros e este é consequência das interpretações. O verdadeiro é de certo modo o falso que se tornou condição da vida, pois, não passa de uma ilusão interpretativa e que foi esquecida. São os erros dos homens que se tornaram irrefutáveis, um dado eterno e incondicionado. São os valores que foram inventados, construídos e sedimentaram por meio de convenções e aceitação. A verdade é um valor e, sendo um valor, tem ela de afirmar a vida enquanto tal. O conhecimento deve vir ao encontro da afirmação e não da negação da existência e de tudo o que aquela suporta, sejam os instintos, os sentidos, o corpo. A vida foi negada quando os metafísicos dogmáticos ao instituírem a verdade desvincularam-na das questões vitais.

Segundo Nietzsche a criação de uma verdade essencial que seria a finalidade de tudo enquanto tal no mundo sensível, bem como a invenção da razão e a consciência como atributo da alma não passa de um jogo de cena. A moral imputa causas e finalidades nas ações dos homens e entende como causa os momentos conscientes do homem, ou seja, quando ele faz uso da sua razão. Os moralistas procuram uma vontade, uma intenção por trás de todo fazer, de todo agir. Eles se apressam em responder ou justificar as suas ações perante os outros, por que todos têm a obrigação de dar uma explicação das suas ações. A pergunta a ser respondida de imediato é a mesma para todos, o que quer o homem? A resposta será o fim último para todos os moralistas, no caso a felicidade plena. Buscar a felicidade por ações exemplares seria a mais bela conduta da sua existência no mundo aparente.

O homem moral quer a felicidade porque esta vem do uso da razão enquanto virtude pelo exercício da dialética visando arrebanhar almas para o caminho correto da felicidade e com isso renega o prazer que vem dos sentidos corpóreos, do gozo e da fruição, pois, estes induzem ao erro e tira do caminho certo, a dialética. O prazer é um sentimento de poder. Por isso os moralistas eliminam os afetos do corpo para não sentir prazer, enfim, para não sentir a embriaguez da vida. A racionalidade “em si” é um estado frio, bem claro nos seus propósitos, é uma alma racional elevada⁵.

Para Nietzsche a religião cristã vale-se de uma metafísica dogmática, e não poderia ser diferente, quanto aos seus valores. Ocorre à representação deste mundo proveniente de outro mundo pelo viés da religião. O homem religioso com suas representações deste mundo se dá

⁵ Sirvo-me aqui do aforismo 434 da obra: *Vontade de Potência*.



pela invenção de outro mundo, o “mundo divino” e, deste provém o mundo desnaturado e antinatural; no caso, este mundo aparente, a realidade efetiva. A metafísica religiosa ou a posição do homem religioso terá o seu ato, a sua base no ressentimento, e toda a sua visão de mundo será uma moral ressentida. Os valores da nossa cultura têm a sua raiz no povo judeu, ou seja, o povo sacerdotal do ressentimento por excelência. A nossa sociedade segundo Nietzsche é niilista pela base, pois tem como tripé o platonismo, o judaísmo e o cristianismo na construção e convenção de valores em grande parte do ocidente.

O cristianismo é uma consequência do platonismo e um neo judaísmo; e por sua vez, o judaísmo seria uma facção escrava nos tempos homérico aos quais dará início aos valores sobre os quais a nossa sociedade se encontra mergulhada até então. Retomando Platão quanto a sua ideia de bem como algo essencial, eterno e imutável; ou seja, como algo inquestionável e, que é de forma proporcional ao “Deus” cristão, entendendo que os valores sempre existiram a partir dessas duas instancias. Contrário a isso, entende-se que os valores podem e devem ser questionados, pois, eles surgiram em algum momento, em algum lugar sobre uma determinada perspectiva avaliadora.

Ao fazer as diferenciações morais de valor o autor usará como sinônimas as palavras dominantes, nobre, senhor, forte e, como oposição, dominados, plebeu, ressentido, escravos, fraco. Então, há a moral dos senhores e há a moral de escravos. A investigação moral é entendida como uma perspectiva avaliadora, uma perspectiva que gerou, criou valor. O nobre cria a sua perspectiva, a sua forma de avaliar a partir de si quando determinam o conceito de “bom” como sinônimo de nobre e feliz. Só depois como uma pálida imagem e contraste, contrário ao que eles atribuem a si, eles inventam o valor “ruim” que por sua vez será a descrição dos fracos que são desprezíveis justamente pela sua incapacidade de lutar, por isso são os ressentidos. O forte não se exime da luta, não se furta do combate, por isso despreza o covarde, o medroso, o mesquinho que se deixa maltratar, pois é um adulator. “Bom” refere-se à nobre e “ruim” a desprezível.

O fraco, inverte o valor “mau” com que eles designam justamente os fortes, pois, estes são os opostos a eles; logo se os fortes são “maus”, então, nós os fracos somos “bons”. Os valores da moral escrava ou dos ressentidos surgiram de uma negação, oposição e inversão de valores em relação aos valores nobres, o seu ato inaugural é uma reação. O que passa a merecer



todas as honras agora é a amabilidade, a humildade, a diligência, a paciência, a compaixão, a mão solícita e afável, enfim, o coração cálido.

Conforme Nietzsche (Além de Bem e Mal. aforismo. 260):

Numa perambulação pelas muitas morais, as mais finas e as mais grosseiras, que até agora dominaram e continua dominando na terra, encontrei certos traços (...) [que] se revelaram dois tipos básicos, e uma diferença fundamental sobressai. Há uma moral de senhor e uma moral de escravos; [...] As diferenciações morais de valor se originam ou dentro de uma espécie dominante, que se tornou agradavelmente cônica da sua diferença em relação à dominada – ou entre os dominados, os escravos e dependentes de qualquer grau. [...]. (Nietzsche, 2005, p. 155)

Essas são as duas maneiras distintas de avaliar, a maneira nobre e a maneira escrava, ressentida de avaliar; contudo, tem entre elas uma relação lógica e cronológica de avaliar. Logicamente a maneira ressentida de avaliar é posterior à maneira nobre de avaliar porque ela se limita em inverter os valores postos pelos nobres. Cronologicamente há também essa relação porque a moral do ressentimento ou a perspectiva avaliadora dos ressentidos se sobressai quando a casta sacerdotal sobrepujou a aristocracia guerreira na antiga Grécia, ela converteu em preeminência espiritual o que era preeminência política. Enquanto valor aristocrático “bom” identificava-se belo e feliz; tornando-se valor religioso “bom” passa a ser pobre, miserável, impotente, sofredor, piedoso e enfermo⁶. A partir desse ponto é que Nietzsche lança toda a sua crítica a moral e a religião cristã.

Os valores religiosos têm a sua origem no ressentimento profundo dos escravos para com os nobres, e entre os escravos havia uma facção ardilosa, os judeus com sua casta sacerdotal. O modo de valoração sacerdotal deriva do cavalheiresco-aristocrata e depois se desenvolve no seu oposto, isso ocorre quando entram em divergências de pensamentos e de estimativas de valor. Em detrimento dos valores do forte que parte da constituição física e terrena; para a casta sacerdotal o confronto físico não é um bom negócio por causa da sua fraqueza física, logo, a sua guerra não é terrena. Contudo, eles se tornam os mais terríveis inimigos por causa da sua impotência física mundana; na impotência o ódio se torna ardiloso, planejado, estudado, tomando proporções monstruosas e sinistras; torna-se espiritual e venenosa. A transvaloração dos sacerdotes judeus se deu pela vingança espiritual, pelo ódio profundo, o ódio impotente. O mundo aparente, efetivo, terreno, mundano é desnaturado e

⁶ Sirvo-me aqui das ponderações da professora Scarillet Marton na obra: *Nietzsche, filósofo da suspeita*.



antinatural, pois, este está tomado por seres e coisas más, cruéis, lascivas, que querem oprimir e dominar o bem, os seres e coisas boas; e por isso serão os desventurados, os malditos e danados, logo, os fortes. Neste mundo requer ações e posturas virtuosas que sejam recompensadas e sejam abençoados e que alcança a bem aventurança, ou seja, os pobres, impotentes, sofredores, necessitados e doentes. Os judeus deram uma nova visão ao mundo, atribuíram um sentido ao mundo, enfim, deram uma visão vergonhosa de mundo ao qual se faz necessário se desvencilhar, pois o mundo verdadeiro, glorioso e que merece ser vivido se encontra em outra instância, no além mundo, no “reino de Deus”.

Conforme Nietzsche (Além de Bem e Mal, aforismo. 195):

Os judeus – um povo “nascido para a escravidão” [...] “o povo eleito entre as nações” [...] os judeus realizaram esse milagre da inversão de valores, graças ao qual a vida na terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios – os seus profetas fundiram “rico”, “ateu”, “mau”, “violento” e “sensual” numa só definição, e pela primeira vez deram cunho vergonhoso à palavra “mundo”. Nessa inversão de valores [...] (...a palavra “pobre” como sinônimo de “santo” e “amigo”) reside a importância do povo judeu: como ele começa a rebelião escrava na moral. (Nietzsche, 2005, p. 83).

Com os judeus deu-se o início da revolta dos escravos na moral e que só se tornou vitoriosa, vigente na sociedade depois de dois mil anos. Foi algo arquitetado em longo prazo; tudo que precisa de um longo tempo para acontecer acaba sendo esquecido, não é percebido o seu desenvolvimento, e é difícil vê-lo por completo. Os valores judeus é uma árvore da vingança e do ódio, um ódio criador de ideais e recriador de valores como jamais existiu no mundo.

Através do símbolo da “cruz sagrada” do “Deus na cruz”, bem como a extrema crueldade e autocrucificação de Deus para a salvação do homem, o povo escravo venceu graças à iniciativa dos judeus. Este mundo passa a ser justificado e legitimado a partir desses pressupostos. A fraqueza passa a ser um mérito; a impotência, que não acerta contas, passa a ser bondade; a baixeza, medrosa, se transforma em humildade; a submissão, àquele que se odeia, passa a ser obediência pelo amor a Deus. O fato de ter que esperar proveniente da sua fraqueza ganha-se o nome de paciência, o não-poder vingar-se passou a chamar-se não-querer vingar-se, ou perdão em amor a Deus e, por isso, ama-se os inimigos. O plebeu é miserável, mas a sua miséria é uma eleição e distinção por parte de Deus, é uma preparação, uma prova, um treino, para que um dia seja recompensado e pago com a felicidade plena no “reino de Deus”, no outro



mundo, o “mundo divino”. O mundo aparente é representação do “mundo divino” onde está Deus e os valores cristãos; para ascender este outro mundo cabe viver neste com fé, amor e esperança, com bem aventurança e beatitude. O ideal cristão é a doutrina da bem aventurança postulando a salvação como meta última da vida e para tal precisa ser simples, de coração puro, sofredores e fracassados. Nietzsche faz guerra contra esse ideal cristão.

Os ideais ascéticos estão presentes nos artistas, nos filósofos, mas também está presente ou principalmente nos “santos” e nos sacerdotes. As três características principais do ascetismo são a humildade, pobreza e castidade. A humildade segundo Nietzsche é um valor essencialmente plebeu, escrava, cristã; é uma baixeza medrosa, algo submisso. O orgulho é transformado em algo negativo. A pobreza passa a ser algo desejável, tida como um ideal de vida e a riqueza, a opulência passa ser renegada e até vergonhosa. Para Nietzsche, convencidas, as pessoas aceitam o asceticismo como ideal de vida por causa do sentimento de culpa e a ideia de sofrimento imputado na sua razão, na alma. O homem comum sabe que sofre por isso ele procura razões ou culpados pelo seu sofrimento, ainda que seja ele mesmo por ser um pecador. O sacerdote ascético imputa ao sofredor a culpa pelo seu próprio sofrimento; e este vem pelo pecado que já nascemos com ele e do qual devemos nos livrar. O sofrimento é efeito e redenção dessa culpa. Para livrar da culpa devemos sofrer, pois ela só é paga pelo sofrimento no mundo aparente. Deus que habita o “mundo divino” é o credor e o pecado é nossa dívida para com ele. Segundo Nietzsche, o sofrimento é uma punição, Cristo representa esse sofrimento como punição, pois, ele morreu para nos livrar da nossa culpa originária. Contudo, ganhamos uma nova dívida, agora, com Cristo. Somos culpados pela sua morte, a morte de um inocente, devemos pagar com nosso próprio sofrimento, que existe justamente com a finalidade de nos livrar de nossa culpa.

Nietzsche declara que “o advento do Deus cristão, o Deus máximo que se inventou até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa”. O sofrimento no cristianismo é transformado em “mecanismo secreto de salvação”, através da qual a culpa deve ser expiada. O sofrimento é mais bem representado pelo ideal ascético porque este se volta para o outro mundo, o mundo divino. E com isso nega o mundo aparente e efetivo, bem como, os prazeres materiais e sensoriais e, também, uma certa aversão à razão, pelo menos a qual questiona os seus valores e volta-se para o conhecimento mundano. A sua aversão mundana é uma aversão à vida nobre. O ideal ascético preserva a vida na sua fraqueza e busca dar um



sentido a vida a todo custo, ainda que seja em outro mundo. O que revolta segundo Nietzsche “não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido”. “qualquer sentido é melhor do que nenhum”. O ideal ascético é uma negação desta vida em prol de uma vida futura, eterna e feliz. De acordo com os ateístas seria uma proposta ilusória um nada. Nietzsche comenta: “o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer...”⁷.

A representação filosófica deste mundo proveniente de outro mundo se dá pela invenção de um “mundo-razão”. Neste mundo da racionalidade as funções lógicas são adequadas, coerentes, ganham unidade e forma; assim chega-se na situação de encontrar o “mundo verdadeiro” dos filósofos. A partir da razão, da sua subjetividade intelectual se valida, nomeia, classifica e conceitualiza este mundo tido como aparente, passageiro. Para Nietzsche toda metafísica é dogmática até mesmo a filosófica que tem como pilar de todo conhecimento a razão e as suas investigações subjetivas em detrimento do corpo e dos sentidos corporais. A metafísica desde Platão, mas também já presente em Parmênides, ao abordar o ser como causa do mundo aparente inaugura o desprezo a este mundo.

A condição corporal sensitiva do homem não seria confiável para adquirir conhecimento, para investigar o ser, para fazer filosofia. No corpo não haveria nada que pudesse interessar à tarefa reflexiva; todos os sentidos estariam banidos da tarefa de pensar. A filosofia tem como tarefa e destino refletir sobre as coisas universais, logo, desvendar o reino perfeito do inteligível; a estes só teríamos acesso devido a nossa condição racional. Esta visão dicotômica de mundo é inaugurada pela perspectiva idealista ao afirmar a existência de um mundo inteligível ao qual só teremos acesso através da alma racional, do exercício intelectual das faculdades da razão. A ciência é própria da alma e os sentidos apresentam apenas meras opiniões, fantasmas⁸. O mundo sensível só nos dá opinião sobre as coisas e nos afasta da subjetividade metafísica e nos deixa longe do mundo perfeito das ideias, do verdadeiro e do ser. A alma visa se libertar dos sentidos que é o terreno efêmero e enganoso do corpo para chegar-se ao reino universal das ideias.

A razão ao ser valorizada em detrimento do corpo no processo do conhecimento, como se o conhecimento verdadeiro habitasse um mundo específico, o mundo-razão; pensando de tal forma a investigação filosófica se converte numa metafísica. Ela transcende o mundo empírico do corpo e dos sentidos e adentra no mundo da razão, onde esta nomeia, conceitualiza e valida

⁷ Sirvo-me aqui do 1º parágrafo da Terceira Dissertação da obra *Genealogia da Moral*.



este mundo fenomênico. No entender de Nietzsche toda metafísica é dogmática por admitir alguns pressupostos básicos e a filosófica não é diferente, pois, só muda foco, no caso a razão intelectual. A metafísica em todas as suas áreas de atuação tem em comum o julgamento corporal como algo suspeito, imperfeito e até pecaminoso. O dualismo metafísico cinde corpo-alma e coloca em questão as noções da modernidade que sustentam que o homem estaria constituído por uma substância subjetiva.

A filosofia apresenta três pressupostos básicos do dogmatismo na tradição metafísica segundo Nietzsche. A primeira seria uma aceitação ou admissão de um fundamento incondicional e inquestionável. Um fundamento arquitetônico da metafísica seria um princípio teológico ou racional, ambos partem da aceitação previa de um princípio estabelecido. A segunda seria uma substancialização ou um conteúdo básico de conceitos e substâncias derivados de funções gramaticais. A terceira seria o recurso à linguagem, onde se passa a fazer uso recorrente ou utilização de uma falácia da generalização apressada na elaboração de teorias.

Na antiguidade o dogmatismo nascia da transposição da realidade para um mundo transcendente e inteligível; o ser, a *physis*, a ideia essencial seriam a origem e o fundamento de toda a realidade. Na modernidade também ocorre à transposição da realidade para um mundo transcendente e inteligível, só que a diferença é que não se visa um ser que habita outro plano externo ao homem. O mundo transcendente e inteligível estaria presente no próprio homem, no interior da sua própria razão, ou seja, seria a sua subjetividade. A razão seria uma sentinela ambulante repositória de todo o conhecimento subjetivo acima do corpo controlando-o; ela faria o elo entre o mundo empírico corpóreo e o mundo intelectual, ou seja, “o mundo-razão” onde encontramos os conceitos, definições, substância, seres. A subjetividade racional recebe o estatuto de um princípio para todo o conhecimento a partir de Descartes na modernidade; o homem estaria constituído por uma substância subjetiva, ou seja, um *cogito*, uma coisa pensante.

Nietzsche identifica na filosofia moderna uma espécie de plágio ao fazer à redução do conceito de alma dos antigos no âmbito da teoria do conhecimento em alusão a concepção de subjetividade intrínseca do sujeito racional, sobretudo, presente em Descartes e Kant. Quanto aos dois autores citados, Nietzsche acredita que ao fazer a redução da alma ao sujeito do conhecimento, bem como as suas funções lógicas, e na tentativa de serem autênticos e buscando

⁸ Sirvo-me aqui do livro VII de *A República* de Platão, 1996.



se afastarem das prerrogativas e conotações da filosofia antiga e cristã, eles não conseguem, pois, suas concepções e pressupostos continuam sendo teológicos por serem dogmáticos, por se valerem de princípios inquestionáveis e, ao fim e ao cabo se tornam artigos de fé. Descartes sustentou que o espírito, o interior, a razão, a coisa pensante, a substância pensante, a *res cogitans* é a realidade inicial e a genuína natureza humana. O homem é sujeito, é uma substância que nada tem a ver com o corpo, entendido como parte da *res extensa*, a extensão. O homem, enquanto ser pensante é totalmente alheio aos aspectos corporais. A substância pensante está inserida no corpo, este entendido como uma máquina.

Kant por sua vez coloca a razão pura como princípio, como ponto de partida de toda a sua teoria, ao fazer uma crítica da razão antes e sem os dados oferecidos pela experiência, ou seja, ele faz uma crítica das faculdades da razão. O conhecimento começa da experiência, mas nem todos provem dela. O estudo da razão se dá sobre as condições necessárias e universais de todo conhecimento possível, ou seja, *a priori*, antes da experiência. A razão é uma estrutura vazia e universal para todos os seres humanos; ela é transcendental por que se preocupa com o modo de conhecer e não com o objeto conhecido. A experiência fornece a matéria, os conteúdos do conhecimento para a razão e esta, por sua vez, fornece a forma universal e necessária para todo o conhecimento. O conhecimento proveniente da experiência é *a posteriori*, ela não é causa das ideias, mas é a ocasião para que a razão, recebendo a matéria ou o conteúdo, formule as ideias. A razão tem elementos que organizam os conteúdos empíricos que Kant chama de categorias e sem estas não pode haver conhecimento intelectual; as categorias são condições para tal conhecimento⁹. Através das categorias *a priori* da razão é que o sujeito do conhecimento formula os conceitos sobre as coisas, o mundo, os fenômenos, a vida, a ética. O pensar em Kant seria a consciência das representações, instituições ou conceitos sobre os objetos presente na razão que tudo nomeia. O sujeito transcendental ou o sujeito da razão transcendental não pode ser conhecido, pois é uma estrutura *a priori* e universal, logo, é condição de todo conhecimento, mas não pode ser conhecido. A razão é uma instância que conhece, mas não se pode conhecê-la; ela tem um campo de atuação, mas não faz parte efetivo da atuação.

Tanto em Descartes quanto em Kant a realidade efetiva é relegada a segundo plano, sendo consequência de uma subjetividade metafísica cognoscível dogmática, de uma razão que

⁹ Sirvo-me aqui das ponderações da professora Marilena Chauí na obra: *Convite à Filosofia*.



transcende este mundo empírico. Ambos à sua maneira retomariam a cisão entre dois âmbitos distintos, o mundo ilusório e o mundo verdadeiro. Este, como vimos, fora trazido à baila pelas oposições entre corpo e alma e, como se dá o conhecimento verdadeiro para os antigos. Na modernidade se colocou ou procurou substituir a alma pela subjetividade cognoscível, por uma substância pensante, por uma razão autônoma, por uma teoria do conhecimento subjetiva ou do ato racional metafísico do sujeito que interpreta o mundo verdadeiro sem o auxílio dos instintos e dos afetos do corpo. Segundo Nietzsche, essa nova concepção moderna do homem presente principalmente em Descartes e em Kant que reedita com uma nova roupagem conceitual, mas mantém as noções básicas do dualismo oriundo da antiguidade; entendendo-o como um sujeito puro, como uma razão desencarnada, como um estrangeiro do corpo, como uma substância pensante totalmente alheia aos sentimentos, aos afetos, aos instintos. Descartes fala da substância pensante que é superior, diferente e não pertence ao corpo, pois este é um estorvo; Kant fala da coisa em si, da razão *a priori* que é anterior as experiências do corpo, portanto, primordial no homem.

Conforme Nietzsche (Além de Bem e Mal, Aforismo 54):

Que faz, no fundo, toda a filosofia moderna? Desde Descartes [...] todos os filósofos têm feito um atentado contra o velho conceito de alma, sob a aparência de uma crítica ao conceito de sujeito e predicado – ou seja: um atentado contra o pressuposto fundamental da doutrina cristã. A filosofia moderna, sendo um ceticismo epistemológico, é, abertamente ou não, anticristã: embora, diga-se para ouvidos mais sutis, de maneira nenhuma antirreligiosa. Pois antigamente se acreditava na “alma”, assim como se acreditava na gramática e no sujeito gramatical: dizia-se que “eu” é condição, “penso” é predicado e condicionado – pensar é uma atividade, para a qual um sujeito tem que ser pensado como causa. Tentou-se [...] enxergar uma saída nessa teia – se não seria verdadeiro talvez o contrário: “penso” condição; “eu”, condicionado; “eu sendo uma síntese, feita pelo próprio pensar. Kant queria demonstrar, no fundo, que a partir do sujeito o sujeito não pode ser pensado – e tampouco o objeto: a possibilidade de uma existência aparente do sujeito, da “alma”, pode não lhe ter sido estranha, pensamento este que, como filosofia vedanta, já houve uma vez na terra, com imenso poder. (Nietzsche, 2005, p. 53).

Descartes toma o *cogito* como uma certeza imediata; o pensar é o aspecto reflexivo da consciência, da razão. Nietzsche faz uma crítica pontual neste aspecto, pois, a gramática e a lógica não passam de crenças, de hábitos do pensamento. “Alma”, “eu”, “pensamento” são hábitos gramaticais da atividade racional; entender o “pensar” como condição, predicado ou efeito de um “eu”, de uma “alma”, de um “sujeito” não passam de crenças lógicas. Como



consequência pensa-se numa substância pensante metafísica como constitutiva de uma essência “eu”, “razão” como causa do pensar. Para Nietzsche o “eu” seria uma síntese do pensar; ou seja, seria uma falsificação do sujeito pensá-lo como uma unidade e excluir as suas multiplicidades.

Em Kant o “sujeito”, a “razão” ganha um estatuto lógico transcendental; a unidade do “eu” é fornecida pela consciência de uma síntese unificadora que se realiza no entendimento, e que me permite aplicar as categorias da razão a priori aos objetos. O eu, a razão transcendental que se expressa na apercepção transcendental é a consciência do ato unificado que permite toda e qualquer representação. Os múltiplos componentes da realidade são unificados na representação, ganha uma unidade sintética, como pertencentes a um sujeito. A experiência é possível enquanto consciência dessa síntese.

É a partir da modernidade que a razão passa a ser entendida como uma essência, uma substância pensante, depois como uma estrutura universal ganhando noções psicológicas na construção de um sujeito enquanto agente da ação; vê-se, agora, por toda parte, agente e ato. Acredita na vontade como causa em geral; na vontade de um “sujeito”, “eu”, no eu como “ser”, como substância que dá o comando da ação. Logo projeta a crença na substância-eu sobre todas as coisas e, como consequência, cria o conceito “coisa”. O erro é pensar que a vontade é algo que faz efeito e que a vontade é uma faculdade, pois nesse sentido é meramente uma palavra, e enquanto tal entendida no significado sujeito-gramatical o “eu” segue como derivado do conceito “ser”. A “razão na linguagem” é uma engendradora de crenças e talvez nunca vamos deixar de crer nos ídolos, nas crenças, nos dogmas consolidados porque ainda acreditamos na gramática¹⁰. O sujeito como causa de todo fazer, como agente, passa de um sujeito-gramatical para um postulado lógico-metafísico de que o fazer é consequência da vontade. O “eu” é uma substância prévia e que não entra em movimento na multiplicidade da mudança.

Nietzsche ao pensar a “razão”, o “sujeito”, parte do corpo e da fisiologia, pois ele entende o corpo como uma “grande razão”, uma comunidade de afetos; já a razão cognoscível é para ele uma pequena razão que pertence ao corpo. O corpo é uma multiplicidade de impulsos, coação, ímpeto, pressão, resistência e motricidade. Suas configurações são temporárias. A subjetividade tem uma unidade ilusória, é um “eu” ilusório e momentâneo, ou seja, simplificação de algo complicado; ela é apenas uma identificação imediata, provisória, é uma autoconsciência intelectual que se estabelece provisoriamente. Nietzsche trás a ideia de

¹⁰ Sirvo-me aqui do aforismo 05 a “razão na filosofia”, da obra *Crepúsculo dos Ídolos*.



“fenomenalismo do mundo interior” para ressaltar que, assim como ocorre no mundo externo, no mundo interno consciente racional, também resulta de uma abreviação dos afetos, uma falsificação da multiplicidade numa unidade, enfim, é resultado de uma perspectiva particular. “Eu” é uma construção do pensamento. Assim como o é “matéria”, “substância”, “sujeito”, “eu”. Portanto, “razão” e “subjetividade”, são apenas ficções. Mas que serve para regular, para dar uma espécie de estabilidade no mundo do vir-a-ser. Logo, o sujeito cognoscível é apenas uma ficção reguladora, ou seja, uma ideia que aceitamos por razões necessárias para fornecer estabilidade ao mundo e a minha experiência de mundo. A nossa “consciência” reflexiva, a “razão” é que nos permite reconhecermos a nós como sujeito estável. Sem sujeito a nossa existência estaria dissolvida no fluxo de impulsos e afetos tais como os animais¹¹.

BIBLIOGRAFIA

BARRENECHEA, Miguel A; FEITOSA, Charles; PINHEIRO, Paulo; SUAREZ, Rosana (org). *Nietzsche e as ciências*. 1ª Edição, - Rio de Janeiro, Editora: Viveiro de castro editora LTDA, 2011.

ITAPARICA, André Luís Mota. *Crítica à modernidade e conceito de subjetividade em Nietzsche*. “Disponível em”: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/ESTUDOSNIETZSCHE?dd1=6056&dd99=pdf>, 23 de Março de 2014.

MARTON, Scarlett Z. *Nietzsche: Das Forças Cóslicas Aos Valores Humanos*. 1º Edição - São Paulo, Editora: Brasiliense, 1990.

_____ - *Extravagâncias, ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. 3ª Edição - São Paulo, Editora: Barcelona LTDA, 2009.

MELO, Danilo Augusto Santos. *Subjetividade e perspectivismo: a dissolução do sujeito metafísico a partir de uma lógica das relações em Nietzsche*. “Disponível em”: <http://tragica.org/artigos/v4n1/02-danilo.pdf>, 25 de Março de 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. 9º reimpressão. Tradução, notas e posfácio: Paulo Cesar de Souza. – São Paulo: companhia das Letras, 1998.

¹¹ Sirvo-me aqui das ponderações de André Luiz Mota Itaparica, presente no artigo - *Crítica à modernidade e conceito de subjetividade em Nietzsche*.



_____. *Para Além do Bem e do Mal*. 5º reimpressão. Tradução, notas e posfácio: Paulo Cesar de Souza. – São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. - *Ecce Homo*. 1ª edição. Tradução: Heloisa da Graça Burati. – São Paulo, Editora: Rideel, 2005.

_____. *O Anti – Cristo*. Tradução: Carlos grifo. – Lisboa / São Paulo: Editora: Presença Ltda. / Martins Fontes.

_____. *Humano, Demasiado Humano*. 6º reimpressão. Tradução, notas e posfácio: Paulo Cesar de Souza. – São Paulo, Editora: Companhia das Letras, 2000.

_____. - *A Gaia Ciência*. 1ª Edição. Tradução: Heloisa da Graça Burati. – São Paulo, Editora: Rideel, 2005.

_____. - *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. 2ª Edição. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. – São Paulo, Editora: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Coleção os Pensadores obras incompletas*. 3º Edição, Tradução e notas: Rubens Rodrigues Torres Filho, posfácio: Antônio Cândido, - São Paulo, Editora: Victor Civita, 1983.

_____. - *Vontade de Poder*. 1ª reimpressão. Tradução: Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes - Rio de Janeiro, Editora: Contraponto editora LTDA, 2011.

OLIVEIRA, Jelson R. *Nietzsche e o elogio das ilusões: estratégia de combate à metafísica*. “Disponível em”: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/ESTUDOSNIETZSCHE?dd1=7569&dd99=pdf>, 20 de Março de 2014.

WOTLING, Patrick. *Vocabulário de Friedrich Nietzsche*. 1ª Edição, - São Paulo, Editora: Martins fontes, 2011.